

## REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA VELHICE: UMA NARRATIVA DE EXCEÇÃO EM TELENÓVELAS

*Valmir Moratelli<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Este trabalho discute a construção da narrativa de ficção televisiva sob o ponto de vista da invisibilidade da representação de personagens negros idosos. A partir do apontamento de elementos sociais e contemporâneos, analisa-se por que a temática da velhice dos negros é praticamente inexistente nas telenovelas da TV Globo. Ao se trazer aspectos da narrativa do folhetim, típica das telenovelas brasileiras, pretende-se debater de que forma é construída a anulação dos discursos de identidade a respeito de negros idosos e sua relação com aspectos da vida social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Negro. Velhice. Narrativas audiovisuais.

## REPRESENTATION OF THE BLACK PEOPLE IN OLD AGE: AN EXCEPTIONAL NARRATIVE IN SOAP OPERAS

**ABSTRACT:** This work discusses the construction of the television fiction narrative from the point of view of the invisibility of the representation of elderly black characters. Through pointing out social and contemporary elements, it is analyzed why the theme of blacks' old age is practically non-existent in TV Globo soap operas. When raising characteristic aspects of the booklet narrative, we want to debate how the annulment of

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E-mail: vmoratelli@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6071-1360>.

identity discourses is constructed about elderly blacks and their relationship with aspects of social life.

**KEYWORDS:** Black people. Old age. Audiovisual narratives.

## **REPRESENTACIÓN DEL NEGRO EN LA VEJEZ: UNA NARRATIVA DE EXCEPCIÓN EN TELENÓVELAS**

**RESUMEN:** Este trabajo discute una construcción de la narrativa de ficción televisiva desde el punto de vista de la invisibilidad de la representación de personajes negros mayores. Al señalar elementos sociales y contemporáneos, analice si el tema de la vejez de los negros es prácticamente inexistente en las telenovelas de TV Globo. Al plantear aspectos característicos de los folletos narrativos, usted decide qué forma se construye y cancela los discursos de identidad sobre los negros de edad avanzada y su relación con los aspectos de la vida social.

**PALABRAS CLAVE:** Negro. Vejez. Narrativas audiovisuales.

Mesmo depois de abolida a escravidão / Negra é a mão /  
De quem faz a limpeza / Lavando a roupa encardida,  
esfregando o chão /  
Negra é a mão / É a mão da pureza.  
(A mão da limpeza, de Gilberto Gil).

### **INTRODUÇÃO**

A partir da compreensão da Gerontologia,<sup>2</sup> ciência que estuda a velhice, cada vez mais se considera que os problemas enfrentados pelos idosos precisam também levar em conta as diferenças de etnicidade,

---

<sup>2</sup> Campo de estudos que investiga experiências da velhice e do envelhecimento em diferentes contextos socioculturais e históricos. Caracteriza-se como campo de estudos multidisciplinar, recebendo contribuições metodológicas da biologia, psicologia, ciências sociais, filosofia, direito, psicologia clínica e medicina. A definição é oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Universidade Federal de Pernambuco. Consultar em: <https://www.ufpe.br/ppgero>.

classe, gênero, religião etc. A velhice, para a Gerontologia, não deve ser compreendida como uma experiência homogênea. Partindo dessa constatação, o artigo tem como objetivo discutir aspectos da construção da narrativa ficcional sob a temática da representação do negro idoso nas telenovelas brasileiras. O recorte se justifica na medida em que, além de exercer função de agente de informação, a mídia também age como formadora de opinião, visto que “(...) os meios de comunicação não só moldam o que pensamos sobre a realidade exterior, mas define, sobretudo, uma pauta daquilo sobre o que é necessário ter uma opinião e discutir” (RONDELLI, 1997, p. 155).

Pretende-se abordar, mais especificamente, de que forma os negros idosos são retratados na ficção seriada televisiva, sabendo-se que esta temática é referenciada como uma “Narrativa de Exceção” nestes meios. As “Narrativas de Exceção” são aquelas narrativas que compreendem temas que usualmente não são contemplados na mídia hegemônica (MORATELLI, 2019). Por “ficção”, entendemos que seu uso é utilizado em diferentes vertentes, como, por exemplo, no âmbito literário, como referência à produção em prosa de romances e novelas; ou no âmbito da mídia, como referência à produção narrativa de televisão, ou ficção televisiva.

Do ponto de vista teórico-metodológico, convém notar que este artigo se localiza dentro do campo dos Estudos Culturais, especialmente em diálogo com uma perspectiva pós-estruturalista, ainda que se mobilize autores de outras linhagens teóricas. Além disso, inserido no campo de estudos da teledramaturgia brasileira, optou-se por uma abordagem teórica sobre a representatividade na teledramaturgia, refletindo acerca do uso higienizado e, de certa forma, acrítico, que a televisão – como parte importante do conjunto da Indústria Cultural do país – vem fazendo das questões raciais ao longo de sua história. Para desenvolver a crítica, recorreremos principalmente a autores negros brasileiros e alguns estrangeiros, que discorrem sobre a problemática do racismo (FERNANDES, 1972; NASCIMENTO, 1978; GONZALEZ, 1984; SODRÉ, 1992; CARNEIRO, 2002; KILOMBA, 2019).

A hipótese que sustenta nosso estudo é a de que a temática da velhice, que enquadramos na classificação de “exceção” por experimentar raros exemplos de abordagem aprofundada na teledramaturgia nacional, precisa abrir novas possibilidades de interpretação (DEBERT, 1999; CASTRO, 2015) em sua amplitude de identidade, com a finalidade de romper limitações socialmente construídas (BERGER; LUCKMANN, 2004). Ressalta-se que personagens idosos geralmente figuram nas ficções em papéis coadjuvantes, quase nunca como protagonistas. Saldanhas (2013, p. 142) já apresentara um trabalho de análise sobre a produção televisiva no Brasil, fornecedora de “aparatos suficientes para a manutenção de uma branquidade normativa, através de exaltações às características estéticas eurodescendentes”.

A telenovela brasileira, aqui compreendida como uma “narrativa de nação”<sup>3</sup> (LOPES, 2003), precisa avançar nos conteúdos de representação e, desse modo, aglutinar determinadas classificações como regras e não como exceções. Sendo a nossa sociedade formada por uma miscigenação de diferentes povos, o que se traduz em uma sociedade reconhecidamente plural, mas também profundamente desigual, pode-se incluir como Narrativas de Exceção todos os tipos que vão além dos aspectos de raça: os aspectos de gênero (e toda as definições de diversidade sexual), os índios, as pessoas obesas, as pessoas muito magras, os portadores de deficiência física, os imigrantes, entre tantos outros. Além, é claro, dos idosos, que não estão no enquadramento central das narrativas.

Sendo a realidade socialmente construída (BERGER; LUCKMANN, 2004), compreende-se como tema de “exceção” aquele que foge à regra das representações comuns (HALL, 2003) e aceita a uma maioria. Em outras palavras, “existe uma necessidade contínua de reconstruir o senso comum ou a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e

---

<sup>3</sup> Lopes (2003), em seus vastos trabalhos sobre mediação e telenovelas, interpreta a dimensão narrativa na construção dos imaginários nacionais e suas problemáticas. Desse modo, por ser um produto de acesso imediato a praticamente todas as regiões do país, a telenovela se torna um amálgama na formação de uma ampla ideia nacionalista. Por outro lado, no entanto, isso implicaria em abarcar a complexa e diversa sociedade brasileira, com suas contradições e desigualdades.

sentidos, sem a qual nenhuma coletividade pode operar” (MOSCOVICI, 2000, p. 48). Por sua vez, também é importante citar a discussão da velhice e do envelhecimento trazida no estudo de Éclea Bosi (1994), em *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*, clássico da psicologia social e das ciências humanas. Não representar negros na narrativa ficcional é uma forma de estimular o senso comum a pensar uma sociedade majoritariamente branca. Por conseguinte, não representar negros idosos é uma forma de se estimular a pensar uma sociedade majoritariamente branca e jovem. Se a velhice já é um tabu por si só, velhice de negros é um desdobramento ainda mais evitado, posto que o indivíduo negro “permaneceu sempre condenado a um mundo que não se organizou para tratá-lo como ser humano e como ‘igual’” (FERNANDES, 1972 p. 15).

Grada Kilomba (2019, p. 167) fala sobre segregação espacial e o medo de “contágio racial” quando se refere a marcos territoriais que não são transponíveis, justamente para delimitar que “cada grupo tem seu próprio lugar”. A seu ver, a “guetificação foi criada para promover o controle político e a exploração econômica de pessoas negras” a partir do interesse do branco dominador e centralizador (KILOMBA, 2019, p. 169). Nossa hipótese é a de que esta segregação espacial também engloba o campo cultural, e não apenas o campo geograficamente físico.

Em um período em que se debate as consequências da Reforma da Previdência (2019-) e uma maior flexibilidade nas leis trabalhistas, além da pandemia do Coronavírus (2020-), o idoso permanece como pauta central no âmbito do debate público. Nesse sentido, é válido lembrar que o número de brasileiros com mais de 60 anos chegou a 30,2 milhões em 2017, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad) divulgada pelo IBGE.<sup>4</sup> Em 2012, eram 25,4 milhões – ou seja, em cinco anos, o país ganhou 4,8 milhões de idosos, um acréscimo de 19%. A tendência é a de que o envelhecimento da população acelere de forma que, em 2031, o número de idosos pode superar o de crianças e adolescentes de 0 a 14 anos.

---

<sup>4</sup> Dados disponíveis em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>. Site do IBGE. Publicado em 01/10/2018. Último acesso em 08/03/2021.

Em 2017, a população residente no Brasil foi estimada em 207,1 milhões de pessoas, 4,2% maior que em 2012, quando somávamos 198,7 milhões<sup>5</sup>. Desse total, 90,4 milhões ou 43,6% do total se declararam brancos, ao passo que a população negra é composta aproximadamente por 8,6% (17,85 milhões) de pretos e 46,8% (96,95 milhões) de pardos. Cinco anos antes, os brancos correspondiam a 46,6% da população, enquanto os pardos eram 45,3% e os pretos 7,4%, de acordo com os dados do Pnad. Essa alta do número de pessoas que se declarou da cor preta é reflexo das ações afirmativas sobre cor das últimas duas décadas.

O Relatório das Desigualdades Sociais do Núcleo de Estudos de População da Universidade Estadual de Campinas, publicado em 2011, mostrou que a expectativa de vida entre negros no Brasil é de 67 anos. Já os brancos vivem em média 73 anos.<sup>6</sup> O baixo índice de idosos autodeclarados negros no Brasil, nação de maioria preta e parda, indica uma profunda desigualdade. O mesmo relatório mostra que somente 7,9% das pessoas com mais de 60 anos no país se declaram pretas. Pardos representam 35,3% e brancos 55,1%, de acordo com o IBGE. A trajetória de uma vida de discriminação, além de foco central da violência urbana, culmina em uma velhice cheia de percalços. Aponta-se problemas de baixa autoestima e isolamento como algumas das características mais presentes na rotina dos idosos negros.

Tendo como objetivo neste trabalho pesquisar a temática da velhice dos negros, classificada de “exceção” por experimentar poucos exemplos de abordagem aprofundada na teledramaturgia nacional, identificamos que é preciso abrir novas possibilidades de enxergar a velhice em sua plenitude de identidade, incluindo a questão racial. Já a respeito dos termos que remetem à velhice, diz-se que:

---

<sup>5</sup> Ver mais em < <https://oglobo.globo.com/economia/populacao-que-se-declara-preta-cresce-22-em-cinco-anos-no-brasil-22625501>>. Jornal *O Globo*. Publicado em 26/04/2018. Acesso em 08/03/2021.

<sup>6</sup> Não há dados nacionais atualizados sobre essa diferença. Os dados disponíveis podem ser acessados em: <http://longevidade.ind.br/noticia/e-preciso-mais-productividade-para-suportar-o-envelhecimento/>. Acesso em 08/03/2021.

(...) ‘meia-idade’, ‘terceira idade’, ‘aposentadoria ativa’ são categorias empenhadas na produção de novos estilos de vida e na criação de mercados de consumo específicos. Rompendo com as expectativas tradicionalmente associadas aos estágios mais avançados da vida, cada uma destas etapas passa a indicar, a sua maneira, fases propícias para o prazer e para a realização de sonhos adiados em momentos anteriores (DEBERT, 1999, p. 103).

Posto isso, analisaremos a trajetória que vem se desenhando na teledramaturgia nacional para a inserção da representação do negro e, adiante, do negro idoso na narrativa ficcional, em consonância com o momento histórico no qual se escreve. É notório o lugar ocupado pela telenovela na cultura e na sociedade brasileira – utilizando-se, aqui, a perspectiva do sociólogo britânico Stuart Hall, na qual a cultura é definida “como um processo original e igualmente constitutivo, tão fundamental quanto a base econômica ou material para a configuração de sujeitos sociais e acontecimentos históricos e não uma mera reflexão sobre a realidade depois do acontecimento” (HALL, 2003, p. 26). A telenovela está marcada pelo presente que vivemos, sendo ela lugar simbólico da memória coletiva (HALBWACHS, 2006), por ser única para milhões de brasileiros e generalizar o discurso em torno de uma agenda temática.<sup>7</sup>

Ainda para delimitar nosso campo de análise, vale mencionar que, sobre representação, dialoga-se com Durkheim, que desenvolveu uma teoria sobre “representação” em obras como *As regras do método sociológico* (1987) e *Representações individuais e representações coletivas*, publicado pela primeira vez em 1898. Para Durkheim, “(...) a sociedade é a única fonte de humanidade do homem; [que] é por meio dele que se transcende a vida orgânica pura, que é a condição do homem tomado em sua individualidade” (DURKHEIM *apud* FILHO, 2004, p. 142). Foi a partir daí que o pensador francês desenvolveu diversos conceitos que buscam ilustrar e trabalhar essa

---

<sup>7</sup> Vale lembrar que, para Halbwachs (2006), memórias são construções dos grupos sociais, que determinam o que é memorável e os lugares onde essa memória será preservada, ultrapassando o plano individual. Optou-se, entretanto, por não aprofundar a discussão de construção de memória, para não fugir do objetivo central.

perspectiva. Dentre essas, destacam-se as “representações coletivas”, que se referem a consensos sociais externos, gerais e coletivos, que influenciam o comportamento dos indivíduos (DURKHEIM, 2009).

## **RELAÇÕES SOCIAIS**

Sabe-se que, por mais de três séculos e meio, o país viveu imerso no sistema da escravidão. Em determinado momento, o tráfico negreiro foi a maior atividade econômica do Brasil-colônia, superando inclusive a exploração do açúcar e a pecuária. Mesmo após tantos anos da Abolição da escravidão (1888), não se pode negar as marcas que a escravidão deixou no país, já que à população negra tem sido renegada a possibilidade de mobilidade social. Além do mais, sabemos que o pensamento escravagista do século XVI influencia, ainda hoje, o comportamento racista.

A análise da representação do negro em telenovelas brasileiras já foi realizada por diversos estudiosos. Araújo (2000) afirma que, na televisão, persiste o ideal de branqueamento, o que confirma “a vitória simbólica da ideologia do branqueamento e da democracia racial brasileira” (ARAÚJO, 2000, p. 38). Já Sodré (1992), como citado por Fernandes (2007), questiona a telenovela por frequentemente se utilizar de negros para retratar o bandido ou o cidadão à margem das regras sociais, perpetuando a identidade negra como negativa. Da familiaridade com a ambivalência própria dos estereótipos, já exposta por Hall (2003), percebe-se uma estratégia representacional investida na fixação e naturalização da inferioridade do negro (CUNHA, 2016), cuja diferença é posta como evidência irrefutável. Lélia Gonzalez (1984) também aborda a questão racial e estereótipos construídos por uma hegemonia branca para manter o negro em papel inferiorizado. Em uma sociedade marcada por uma segregação racial imposta por um processo histórico de preservação da primazia branca, percebe-se, segundo a autora, que:

(...) o lugar natural do grupo branco dominante são moradias saudáveis, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes formas de



policiamento que vão desde os feitores, capitães de mato, capangas, etc até à polícia formalmente constituída. Desde a casa grande e do sobrado até aos belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” (...) dos dias de hoje, o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço (GONZALEZ, 1984, p. 231).

Para os Estudos Culturais, “a noção de estereótipo é de suma importância: a partir dela, o pesquisador pode lidar com acepções diferentes sobre práticas, grupos e discursos em geral” (BRITO; BONA, 2014, p. 15). Há, porém, noções variadas sobre o que vem a ser um estereótipo, de modo que se faz necessário pensar qual das concepções se encaixa melhor em um dado objetivo. Em livro fundamental para os Estudos Culturais, *O local da cultura* (2013), Bhabha mostra que estereótipos constituem uma questão quase tão importante para a análise dos objetos quanto os objetos em si. Segundo o autor:

(...) o estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação, que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro permite), constitui um problema para a representação do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais (BHABHA, 2013, p. 130).

Por essas passagens, podemos observar que resta aos grupos dominados, os negros em maioria, ocuparem espaços menores, distantes dos grandes centros, quase sempre com condições duvidosas de saúde e higiene. Gonzalez (1984, p. 231) também ressalta que há, nestes ambientes, a “presença policial; só que não é para proteger, mas para reprimir, violentar e amedrontar. É por aí que se entende por que o outro lugar natural do negro sejam as prisões”. Sair desse lugar esbarra em ter que ocupar

um outro que não seria o dele, portanto. Isso nos ajuda a compreender por que não há negros idosos representados de forma consistente na teledramaturgia nacional. Se esta dramaturgia prioriza jovens, deixando para segundo plano a possibilidade de incursão de atores idosos, onde caberiam atores negros idosos?

Ao explicar a questão da branquitude no país, Liv Sovik (2019) argumenta que a barreira é também de relações sociais, posto que o indivíduo reconhecido como branco, “como ser mulher ou homem em qualquer parte, se valida e se reconhece em atos, realizados em meio à teia de relações sociais”. Ela continua:

(...) Americanos do norte e europeus já expressaram ceticismo sobre a brancura de brasileiros que se identificam como brancos, mas estão errados, pois no Brasil, como em qualquer parte do mundo, é quem age convincentemente como branco que é branco, é quem desempenha bem esse papel social, pouco importam as gotas de sangue. Sentir ou saber isso pode estar na origem da tendência recente de tantos brancos de reafirmar e reconfirmar seus privilégios como direitos (SOVIK, 2019).

Isso se reflete nas produções televisivas, quando, em sua maioria, os protagonistas são atores jovens. Já os atores idosos fazem, na maioria das vezes, seus pais ou avós, papéis secundários na ação das narrativas folhetinescas. Inserida no ambiente do consumo e do entretenimento, a temática da velhice pode ser pautada pela “nova” sociedade brasileira – mais velha. Sobre esse ponto, Castro observa que:

(...) pensar a candente questão do envelhecimento populacional, é preciso ir além da sua naturalização como mera decorrência da passagem do tempo no curso da vida. Considera-se indispensável atentar para a dimensão sociocultural da velhice, incluindo de modo especial a participação das imagens mediadas do envelhecimento na constituição das subjetividades contemporâneas (CASTRO, 2015, p. 3).

Consumo é, assim, um importante meio de inserção. Isso porque é uma força, de ordem econômica, determinada “pela lógica de mercado estabelecida pelo capitalismo globalizado, ávido por novos mercados, o qual antevê, na potencial consolidação de uma classe média negra, a viabilização de um novo mercado consumidor” (CARNEIRO, 2002, p. 212). Se a questão da inserção do negro ainda não parece perto de ser resolvida no país, o desafio é maior ao se propor avançar na questão do idoso negro. Este parece ser um tema sempre evitado, como se negássemos a possibilidade de envelhecimento entre negros. Atores reconhecidamente populares em diferentes épocas – tais como Grande Otelo, Ruth de Souza, Lea Garcia, Neuza Borges, Chica Xavier, Milton Gonçalves, Tony Tornado, Antonio Pitanga, Zezé Motta, entre outros –, em todo seu talento e contribuição para as artes brasileiras, comprovam que podem transcender algumas adversidades sociais (ver alguns exemplos na Figura 1). Entretanto, suas representações, enquanto personagens idosos nas narrativas audiovisuais, passam pela manutenção dos discursos que embasam a construção social dos padrões de identidade já tão familiarizados. São exceção diante da maioria de atores brancos que predomina a teledramaturgia nacional, visto que todo tipo de representação (GOFFMAN, 1999) é oriunda de forças humanas e suas capacidades de mediação de influência e poder;<sup>8</sup> porém não lhes são dados papéis que avançam na questão da velhice.

---

<sup>8</sup> Análise também feita por Lopes (2009).

Figura 1:



Da esq. para a dir.: Grande Otelo\*, Ruth de Souza\*, Lea Garcia\*, Marina Miranda\*, Tião Macalé\*, Antonio Pompêo\*, Teca Pereira, Maria Alves\*, Neuza Borges, Chica Xavier\*, Milton Gonçalves, Romeu Evaristo, Tony Tornado, Antonio Pitanga, Zezé Motta, Elisa Lucinda, Cláudia di Moura, Chica Lopes\*, Dhu Moraes e Dill Costa. Fonte: Montagem do autor com imagens da internet. \*Já falecidos.

Conforme o professor Dr. Mauro Alencar diz, em entrevista ao pesquisador do presente trabalho:

(...) toda produção ficcional parte do seu momento, sempre. Mesmo em produção de época, de outro século, o autor escreve com o sentimento que está observando naquele momento. É irreal pensar diferente. Pode ser mais próximo ou mais distante, mas ele abre a janela e vê a banda que está passando à sua frente. É isso que vai se refletir na sua obra. É um movimento meio cíclico: A novela é interferida pela realidade, mas a realidade também se deixa ser interferida pela novela, ela acompanha o momento histórico. É uma característica essencialmente brasileira, via TV Globo. A questão histórica, no Brasil, não se dissocia das produções audiovisuais.<sup>9</sup>

Aos atores negros idosos quase sempre lhes foi conferido o papel secundário de submissos interpretando funções à margem da legalidade ou na informalidade. São escravos ou malandros (em narrativas de época), bandidos ou presidiários (em narrativas contemporâneas) ou ainda empregados domésticos (e porteiros, motoristas, zeladores etc.) sem arcos narrativos densos. Além desse contexto, são vistos “performando a negritude”, como pais e mães de santo, por exemplo. Nessa linha, Kilomba (2019, p. 173) lembra que “ser incluída/o sempre significa representar as/os excluídas/os”.

Performar a negritude, como Kilomba (2019) sugere, na maioria das vezes, é uma solução encontrada nestas narrativas para “incluir” o negro – idoso ou não. Isso também em referência aos papéis que não são os de protagonistas. O senhor médico de uma telenovela, por exemplo, é sempre um ator idoso branco, como vemos nos exemplos da figura 2. Nunca um ator idoso negro.<sup>10</sup> Este “status de ter de representar a negritude anuncia

---

<sup>9</sup> Entrevista presencial com o pesquisador, em setembro de 2018.

<sup>10</sup> Um raro caso de exceção foi dado a Milton Gonçalves na novela *Por Amor* (1997), na qual ele interpretou um médico no hospital onde os protagonistas Marcelo e Laura foram levados após um acidente de carro. Mas vale destacar que foi apenas uma participação, e o personagem

o racismo” (KILOMBA, 2019, p. 173), processo acomodado e aceito com normalidade na sociedade brasileira.

## Figura 2:



Papéis de médico idoso: Na novela *Mulheres Apaixonadas* (2003), o dono de uma clínica de saúde foi interpretado por Serafim Gonzalez; Em *Viver a Vida* (2009) Lionel Fischer interpretou um neurocirurgião; em *Páginas da Vida* (2006), Henrique César era o responsável pela saúde da protagonista. Fonte: <http://wp.clicrbs.com.br/novelleiros/2010/02/28/conheca-os-personagens-dr-moretti-nas-novelas-de-manoel-carlos/?topo=52,1,1,,186,e186>

Schwartz (1988) aponta que no Brasil do último quarto do século XIX a expectativa de vida dos escravos, ao nascer, variava em torno de 19 anos e a de um brasileiro não-escravo era de 27 anos. Nos Estados Unidos, por outro lado, a expectativa de vida dos escravos, por volta de 1850, era de 35 anos e meio, apenas 12% menor do que a da população total e muito superior à de um brasileiro médio (cf. SCHWARTZ, 1988, p. 303). Essa baixa expectativa de vida influenciava também a forma como se determinava quem era velho e quem era jovem. Ou seja, quem é considerado jovem e quem é considerado idoso varia de acordo com o contexto.

Em contrapartida, no início do século 7º a.C., o poeta grego Hesíodo escreveu - em *Os Trabalhos e os Dias*, poema épico também conhecido como *As Obras e os Dias* - que um homem deveria se casar “quando não

---

não tinha nem nome.

tiver muito menos do que 30, e não muito mais”. O *cursus honorum* da Roma antiga<sup>11</sup> – sequência de cargos na magistratura que um jovem que aspirava ser político poderia ocupar – não permitia que ele desempenhasse sua primeira função, a de *quaestor*,<sup>12</sup> antes dos 30 anos (sob o imperador Augusto, a idade mínima caiu para 25; o próprio líder romano morreu aos 75 anos). Para ser cônsul, era preciso ter, pelo menos, 43 – oito anos a mais do que o limite mínimo de 35 anos para ocupar a Presidência brasileira atualmente. As variações para se compreender o que é ser velho estão, assim, intimamente relacionadas a questões culturais, sociais e políticas. Nas palavras de Debert (2011, p. 542): “a velhice, como as categorias etárias, étnicas, raciais ou de gênero, é uma forma de segmentar e classificar uma população, mas também de construir uma hierarquia entre diferentes segmentos assim constituídos”.

Mais uma vez, recorre-se a autores que pensam a formação social brasileira para auxiliar no aprofundamento de tais reflexões. Como argumenta a antropóloga Lélia Gonzalez (2011, p. 12), “(...) a sociedade brasileira, ao refletir sobre a situação do seguimento negro que dela faz parte (dá a importância de ocupar todos os espaços possíveis para que isso suceda), possa voltar-se sobre si mesma e reconhecer nas suas contradições internas as profundas desigualdades raciais que a caracterizam”. Para Sueli Carneiro (2002, p. 212), “as conquistas que negros e negras vêm obtendo na desmistificação da democracia racial, na maior visibilidade do racismo e na reversão de certas práticas discriminatórias” servem para dar subsídios ao que ela classifica de “neo-democracia racial”. Já Abdias Nascimento, em sua célebre obra *O Genocídio do Negro Brasileiro*, denuncia a fantasiosa convivência pacífica entre negros e brancos no país, o que é, para ele, “uma extremamente perigosa mística racista, cujo objetivo é o desaparecimento

---

<sup>11</sup> No século 1º, o naturalista romano Plínio dedicou um capítulo inteiro da sua enciclopédia História Natural às pessoas que viviam mais tempo. Entre eles, lista o cônsul Valerius Corvinus (100 anos), a esposa de Cícero Terentia (103), uma mulher chamada Clodia (115 – e que teve 15 filhos ao longo da vida), e a atriz Luceia, que se apresentou no palco com 100 anos.

<sup>12</sup> O cargo, que implicava funções administrativas, era ocupado por membros da classe senatorial com cerca de 32 anos. O mandato como *quaestor* dava acesso direto ao colégio do senado romano. Por serem os cobradores de impostos do império, eram malvistas pela população, pois eram “interventores”.

inapelável do descendente africano, tanto física quando espiritualmente” (NASCIMENTO, 1978, p. 49-50).

Entre todos os desdobramentos possíveis e imagináveis para se abordar na questão da velhice, também permeada pelo marcador da negritude, fiquemos com um instigante exemplo dado por Fanon (2008), ao exemplificar a questão do uso da linguagem ao negro no ambiente médico. Remetendo a um tratamento coloquial, o uso da palavra “velho”, que daria um grau maior de aproximação ou de intimidade, impõe também um caráter de julgamento. Ele nos conta:

(...) Vinte doentes europeus se sucedem: ‘Sente-se senhor, o que o traz até aqui? O que o senhor está sentindo?’... Chega um negro ou um árabe: ‘Sente, meu velho. Que é que você tem? Onde tá doendo?’ — Quando não: ‘Você doente, né?’ Falar *petit-nègre* a um preto é afligi-lo, pois ele fica estigmatizado como ‘aquele-que-fala-*petit-nègre*’. Entretanto, pode-se argumentar que não há intenção nem desejo de afligi-lo. Concordamos, mas é justamente esta ausência de intenção, esta desenvoltura, esta descontração, esta facilidade em enquadrá-lo, em aprisioná-lo, em primitivizá-lo, que é humilhante (FANON, 2008, p. 45).

A força da palavra “velho”, aqui, está no que ela mesma representa socialmente: arcaico, inadequado, impossibilitado, inoperante, dependente, caduco, desgastado. Somado a isso, vem a representação quase sempre inconstante do ser negro. Se os significados de “idoso” e “negro” podem sofrer alterações historicamente, na sociedade contemporânea, como sugere Ribeiro (2017, p. 33), a marcação deste tipo de lugar “se torna necessária para entendermos realidades que foram consideradas implícitas dentro da normatização hegemônica”.



## BREVE HISTÓRICO DO NEGRO NA TV GLOBO

Uma das primeiras telenovelas diárias da TV Globo, *A cabana do pai Tomás* (1969)<sup>13</sup> foi a primeira produção a contar com protagonista negro, o escravo Tomás. Entretanto, Tomás foi interpretado por um ator branco, Sérgio Cardoso [1925-1972], “seguindo exigências do patrocinador Colgate-Palmolive” (DICIONÁRIO TV GLOBO, 2003, p. 19). Para que Cardoso, galã da época, vivesse um escravo norte-americano, era preciso tingir seu corpo, além do uso de peruca, rolhas no nariz e atrás dos lábios para aparentar ter nariz largo e lábios fartos. O recurso, bastante utilizado no início do cinema norte-americano, não passou despercebido no Brasil. A maquiagem gerou “protesto por parte de artistas que não concordavam com a escalação de um branco para interpretar um personagem negro” (DICIONÁRIO TV GLOBO, 2003, p. 19). A novela, com texto distante da realidade social do país, não atingiu o sucesso esperado.

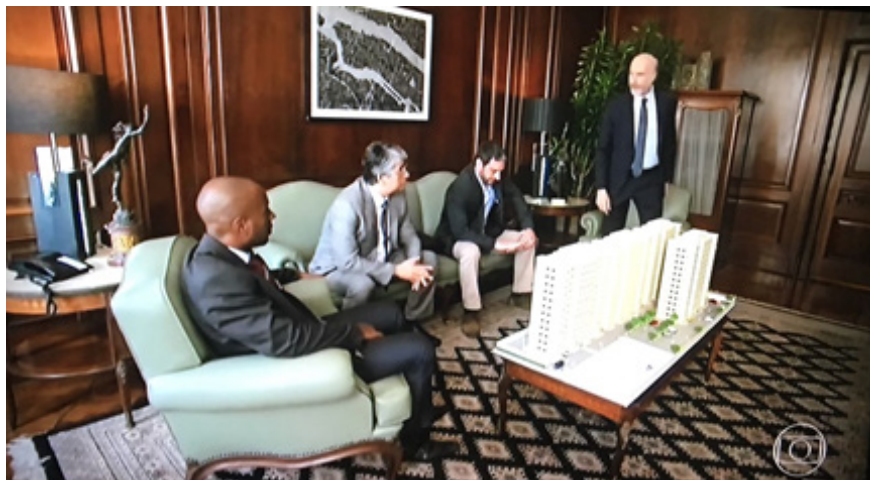
Quase cinquenta anos depois, em maio de 2018, a estreia de *Segundo sol* chamou a atenção do público por não respeitar a diversidade racial de Salvador (BA), cidade em que o folhetim era ambientado, e cujo estado tem o maior porcentual de população negra do país, de acordo com o Mapa de Distribuição Espacial da População do IBGE de 2013. Segundo *O Globo*, de 27 de maio de 2018, após repercussão negativa nas redes sociais e uma notificação do Ministério Público do Trabalho, a ordem na emissora seria “dar preferência a atores negros sempre que houver chance”. Nesse registro, vale ressaltar que estava prevista uma cena com advogados na empresa de Severo (Odilon Wagner). Um deles deveria ser negro. A cena foi ao ar em 29 de maio daquele ano (conferir um recorte da cena na Figura 2). Eram quatro atores e, de fato, um era negro. Mas foi o único sem fala, meramente ocupando lugar de figuração. Perpetua-se,

---

<sup>13</sup> Baseada no romance *Uncle Tom's Cabin*, de Harriet Beecher Stowe. O romance aborda a luta entre escravos e latifundiários do Sul dos EUA, durante a Guerra de Secessão (1861-1865), que colocou em oposição os estados das regiões Norte e Sul do país, culminando no fim da escravidão. Antes disso, o grande destaque da representação do negro em telenovela foi a versão brasileira de *O direito de nascer* (TV Tupi, 1964). Nessa narrativa, a personagem negra Mamãe Dolores (Isaura Garcia), foi representada como porta-voz do discurso autoritário da época.

assim, o lugar de pouca representação e sem complexidade a atores negros (MORATELLI, 2019, p. 157).

**Figura 3:**



Cena de *Segundo sol*. Três atores brancos com falas e relevância para a cena, enquanto o ator negro apenas cumpre uma “exigência de cota”. Fonte: Reprodução da TV

Para Sodré (1980), a forma como o racismo se desenvolve está de acordo com a tentativa de monopolização de recursos, mobilizada por certos grupos para garantirem benefícios crônicos sociais e políticos, pois:

(...) esta exclusão não se explica só pelos argumentos (sociológicos) de que os negros não têm a mesma distribuição que os brancos na pirâmide socioeconômica, mas também por razões decorrentes da estratégia (semiológica) da cultura dominante, que se defende do sistema cultural negro (SODRÉ, 1980, s/p).

Pela descrição que Mbembe (2016) faz da figura do escravo, pode-se supor sem grande esforço como se dá a adaptação aos dias atuais. Ele diz que:

(...) em primeiro lugar, no contexto da colonização, figura-se a natureza humana do escravo como uma sombra personificada. De fato, a condição de escravo resulta de uma tripla perda: perda de um “lar”, perda de direitos sobre seu corpo e perda de *status* político. Essa perda tripla equivale a dominação absoluta, alienação ao nascer e morte social (expulsão da humanidade de modo geral) (MBEMBE, 2016, p. 131).

Pensando no cenário contemporâneo, o que a representação do negro – incluindo a do negro idoso – nas narrativas audiovisuais nos traz se não posições similares as que descrevem as perdas citadas? Em sua maioria, os personagens não têm “lar”, visto que são secundários e pouco desenvolvidos em características básicas dos roteiros; não têm direitos sobre o próprio corpo, por não terem exploradas as nuances que permeiam a vida social; e por fim não têm local político, por não terem voz. São meros coadjuvantes, que parecem apenas cumprir uma questão de “cota” para responder a possíveis questionamentos de suas ausências.

O negro passou a ter relativo destaque na teledramaturgia nos últimos anos, após consolidação de políticas de cotas em universidades, ainda que prossiga o padrão estético euro-americanizado (ARAÚJO, 2008). É sabido que, até meados dos anos de 1980, um terço das telenovelas não havia personagem negro.<sup>14</sup> No período, uma exceção foi *Corpo a corpo* (1984), que trouxe o preconceito racial em trama contemporânea. Só nos anos 2000, o negro passou a ter mais notoriedade, saindo da total submissão ao branco para, em casos pontuais,<sup>15</sup> ser parte de uma nova classe média em ascensão no Brasil. Mas, ainda assim, o negro jovem.

<sup>14</sup> Há alguns exemplos pontuais que fogem a esta regra. Cito um em especial: amigo pessoal de Janete Clair, Milton Gonçalves pediu à autora que escrevesse para ele um papel que não fosse de escravo, empregado ou capataz. Queria um personagem “de gravata”, profissional de destaque em sua área. A resposta de Janete veio em *Pecado Capital* (1975), na qual ele interpretou doutor Percival, um psicólogo formado em Harvard que atendia a esquizofrênica Vilma (Débora Duarte).

<sup>15</sup> Na década anterior, mais precisamente em 1995, a novela *A próxima vítima* trouxe uma família formada por negros de classe média. Mas a principal discussão desse núcleo era a homossexualidade do filho mais novo.

A frase da atriz Léa Garcia ao site *Memória Globo* resume bem esta mudança, ainda que gradual:

(...) A gente está vendo muitos jovens negros, temos visto que nas novelas o negro está sempre presente. Eu acho que deveria estar muito mais, porque ele está integrado à sociedade brasileira de uma forma muito mais profunda, e não é retratado assim, seja na televisão, no teatro ou no cinema. Quando em algum filme você vê uma rua inteira só gente branca, se pergunta: ‘O que aconteceu nesse Brasil?’.<sup>16</sup>

Além da idealização da participação destes grupos, comum à ficção, existe uma visão contemporânea dos papéis sociais ali assumidos. Ou seja, “o passado é reconfigurado pela ficção televisiva e passa a ser uma versão dos próprios acontecimentos históricos” (SICILIANO, 2016, p. 173).

## NEGROS PROTAGONISTAS

Apesar das mudanças sentidas nas duas primeiras décadas desse século, poucas novelas contam com negros protagonistas. Na TV Globo, a primeira novela protagonizada por uma negra foi *Da cor do pecado* (2004), interpretada por Taís Araújo. Ela voltou a ser protagonista em *Viver a Vida* (2009) e *Cheias de charme* (2012) e, mais recentemente, em *Amor de Mãe* (2019). Seu marido, Lázaro Ramos, protagonizou *Cobras & lagartos* (2006), *Duas caras* (2007) e *Lado a lado* (2012). Juntos fizeram a série *Mr. Brau* (2015) (conferir as imagens do casal em diversas revistas brasileiras na Figura 4).<sup>17</sup> Já Camila Pitanga foi protagonista em *Cama de gato* (2009), *Lado a lado* (2012), *Babilônia* (2015) e *Velho Chico* (2016). Visto que a televisão dissemina a propaganda e orienta o consumo que inspira formação de identidades, vale mencionar que a ascensão desses protagonistas das

<sup>16</sup> Trecho do depoimento da atriz ao site *Memória Globo*, disponível em <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/profissionais/lea-garcia/lea-garcia-trajetoria.htm>>. Último acesso em 11/11/19.

<sup>17</sup> Vale mencionar ainda que o casal ganhou, em outubro de 2018, programas de auditório: Taís com o *Superstar* e Lázaro à frente de *Os melhores anos das nossas vidas*.

narrativas ocorreu dentro do contexto de inclusão das camadas populares ao fomento do consumo (GRIJÓ; SOUZA, 2012).

Voltando a *Mr. Brau* (2015), a série traz Lázaro Ramos no papel principal, como um cantor popular, casado com a controladora Michele (Taís Araújo), sua empresária e coreógrafa. Ressalta-se que, pela primeira vez, a TV Globo exibe um casal de negros como protagonista de série, fora do estereótipo de pobre/favelado. É um novo olhar para esse estrato dos novos ricos ao se discutir, pelo viés do humor, a resistência das classes sociais privilegiadas à realidade do pós-Lula - Brau mora, por exemplo, num condomínio de luxo na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. É uma inquietação tabu, que não se costuma ver na televisão aberta. Mas por que estes protagonistas, quase nunca, têm pai ou mãe?<sup>18</sup>

Figura 4:



A principal dupla de atores negros da TV Globo, em publicações distintas. Fonte: Reprodução da internet

Percebe-se, pelos exemplos citados, como a participação negra na dramaturgia nacional ainda é restrita e carregada de preconceito. Mais evidência ganha esta afirmação ao se constatar que nem nas narrativas em que o negro está no foco central há a representação de sua velhice. O que podemos supor é que, para estas produções e representações, negro não envelhece no país. A forte restrição a atores negros, tanto que poucos

<sup>18</sup> A atriz Lea Garcia viveu uma mulher que diz ser a mãe biológica de Brau, em um dos episódios da série.

chegam a protagonistas no chamado “horário nobre” (faixa depois das 20h), é sintoma de uma sociedade estruturalmente racista. E a rara presença de negros idosos mostra como esta sociedade reforça, também, estereótipos de juventude. Apesar da participação de personagens negros ter aumentado a partir dos anos 2000, vemos que suas atuações deslocaram-se das senzalas (novelas de época) para os empregos de doméstica ou marginalizados (SICILIANO; MORATELLI; GONÇALVES, 2018).<sup>19</sup>

É notório que, ao longo de seus mais de cinquenta anos, a TV Globo não colocou em relevo a cultura negra (GRIJÓ; SOUZA, 2012) - com raríssimas exceções, como na minissérie *Tenda dos milagres* (1985), baseada na obra de Jorge Amado, ou em produções pontuais mais recentes, como as séries *Ó pai, ó* (2007), *Cidade dos homens* (2002), *Suburbia* (2012), *Sexo e as négas*<sup>20</sup> (2014) e a já citada *Mr. Braun*. Em nenhuma delas há papéis centrais desenvolvidos para atores idosos. Isso reforça a invisibilidade do negro idoso no principal segmento da indústria cultural brasileira.

Na notória série *Os experientes* (2015), quatro histórias independentes têm como foco abordar a temática da velhice em seus desdobramentos – sexualidade, fragilidades de saúde, relações familiares, a possibilidade da morte, entre outros. Algo louvável de se analisar, visto que é uma produção com uma temática de exceção. Mas não há destaque para a temática da velhice do negro. Mais recentemente, a novela *A dona do pedaço* (2019) bateu recorde de atores idosos – foram dezessete escalados para diferentes núcleos. Não houve negro em nenhum desses papéis. Como aponta Sovik:

(...) Aqui, saímos do âmbito dos atos performativos ou lugares de fala. A branquitude como sistema de valores racializados – ou a branquidade, como alguns preferem para afastar o termo de “negritude” – é também da ordem do solipsismo, da autoafirmação narcísica, é a negação da humanidade dos negros. A valorização de ser branco se realiza na desvalorização do ser negro (SOVIK, 2019).

<sup>19</sup> Exceção à época, a novela *Pecado capital*, de 1975, trouxe, pela primeira vez, personagem negro, usando terno e gravata, na função de um psiquiatra.

<sup>20</sup> Ao contrário das demais obras citadas, este seriado foi alvo de algumas polêmicas e recebeu críticas pela forma como as pessoas negras eram representadas.

Ou ainda, complementando as palavras de Sovik, a valorização do ser branco e jovem se realiza no apagamento da possibilidade do ser negro idoso. Não ter majoritariamente negros em produções televisivas, ou ainda, utilizar-se apenas de idosos brancos quando se há esta temática nas narrativas audiovisuais, só reforça o argumento de que o “isolamento de negras e negros é uma estratégia para reassegurar a supremacia branca” (KILOMBA, 2019, p. 170).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Franz Fanon (2008, p. 45) conta que há um ditado popular do povo akan, na região do Golfo da Guiné, que ensina que “os sábios já são sábios de nascença, não se transformam em sábios, referindo-se assim às pessoas que já nascem velhas”. Ser velho é, via de regra, um termo conotativo para o ser sábio. O artigo propôs uma discussão de se entender a velhice do negro como uma “narrativa de exceção”, por ser um tema raro – e até evitado – nas produções ficcionais da televisão brasileira.

Algumas das características mais notáveis dessas narrativas ficcionais permanecem, historicamente, pouco alteradas: a pequena participação de idosos nas tramas, baixa diversidade do ponto de vista temático da terceira idade, a assexualidade da velhice, um viés conservador na abordagem dos aspectos referentes à velhice e, como consequência, uma produção audiovisual orientada prioritariamente para jovens e permeável à influência da lógica de consumo. Ainda assim, percebe-se os novos rumos da ficção audiovisual televisiva para uma parcela de público cada vez mais abrangente e que não se confirma como exceção na vida social. Se a representação do negro começa a quebrar a “normalidade” de uma branquitude televisiva – uma conquista recente e ainda tímida –, é preciso avançar no espaço a ser destinado ao protagonismo idoso.

Na TV aberta, em diversos exemplos na história da telenovela, as produções passam por ajustes de acordo com a recepção do público. A negritude é foco em alguns desses trabalhos. De todo modo, é necessário que se coloque luz na temática do idoso. Uma sociedade plural passa, sobretudo, pela proteção dos direitos sociais de seus idosos. Há muito

ainda o que se buscar por uma democracia efetiva no Brasil, uma das maiores sociedades multirraciais do mundo e lar do maior componente da diáspora africana além-mar. A contribuição teórica deste trabalho mostra que o caminho ainda é longo.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil: identidade racial e estereótipos sobre o negro na história da telenovela brasileira*. São Paulo, Editora SENAC, 2000.
- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.
- BOSI, Éclea. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CARNEIRO, Sueli. Movimento Negro no Brasil: novos e velhos desafios. *Caderno CRH*. Salvador, n. 36, p. 209-215, jan./jun de 2002.
- CASTRO, Gisela. O envelhecimento na retórica do consumo: publicidade e idadismo no Brasil e Reino Unido. In: *COMPÓS*, 24. Brasília: Anais da Universidade de Brasília, 2015.
- CUNHA, Eneida. A propósito de cultura e representação. São Paulo: *Revista Matrizes*, v.10, n. 3 set/dez. 2016.
- DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Edusp, 1999.
- DEBERT, Guita Grin. Metamorfoses da Velhice. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilian (orgs.). *Agenda brasileira – temas de uma sociedade em mudança*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.



- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERNANDES, Danúbia de Andrade. Preto no Branco Identidade negra na telenovela brasileira. In: *Anais do Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, Juiz de Fora – MG, 2007*.
- FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. Rio de Janeiro: Difusão Europeia do Livro, 1972.
- FILHO, Fernando Pinheiro. A noção de representação em Durkheim. *Lua Nova: revista de cultura e política*, São Paulo, nº 61, p. 139-155, 2004.
- FIUZA, Silvia Regina de Almeida (org.). *Dicionário TV Globo*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984.
- GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo Afro-latino-Americano. In: *Caderno de formação política do círculo Palmarino*, n. 1, 2011.
- GRIJÓ, Wesley Pereira; SOUSA, Adam. *O negro na telenovela brasileira: a atualidade das representações*. UFRRS e UFGO: *Estudos em Comunicação*, n.11, p. 185-204, 2012.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. Estudos culturais e seu legado teórico. In: SOVIK, Liv. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

- KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LOPES, Felipe Tavares. Bourdieu e Goffman: um ensaio sobre os pontos comuns e as fissuras que unem e separam ambos os autores a partir da perspectiva do primeiro. *Estudos e pesquisas em psicologia*. Rio de Janeiro, v.9 n.2, set. 2009.
- LOPES, Maria Immacolata. Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. *Comunicação & Educação*, n.26, p. 17-34, 2003.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Temáticas - Arte & Ensaios*. Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n. 32, 2016.
- MORATELLI, Valmir. *O que as telenovelas exibem enquanto o mundo se transforma*. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.
- MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.
- NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.
- RONDELLI, Elizabeth. Realidade e ficção no discurso televisivo. *Revista Letras*, n° 48 (jul/97). Curitiba, UFPR, p. 149-161, 1997.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é: lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.
- SALDANHAS, Viviane Rodrigues Darif. Mídia e relações étnico-raciais: a questão dos afrodescendentes na televisão brasileira. *Revista Vernáculo*, v. 28, p. 114-148, 2013.
- SCHWARTZ, Stuart. *Segredos Internos: engenhos e escravos na sociedade colonial (1550-1835)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SODRÉ, Muniz. O negro no mass-media. *Anais do primeiro colóquio de semiótica*. Rio/São Paulo: PUC/RJ. Edições Loyola. 1980.

SOVIK, Liv. “Branquidade e Racialização: qual é o lugar da educação?”. *Conferência de abertura da 8ª SBECE Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação*. Tema: “Ser/estar emergentes e/na educação”. ULBRA – Canoas, RS, 2019.

SICILIANO, Tatiana; MORATELLI, Valmir; GONÇALVES, Ana Paula. O lugar do negro nas novelas da Rede Globo: A questão étnica em *Escrava Isaura*, *Lado a lado* e *O outro lado do paraíso*”. Artigo apresentado no GI2 Ficção Televisiva e Narrativa Transmídia do Congresso. *Anais do ALAIC*, 2018.

Texto recebido em 23/08/2020 e aprovado em 03/02/2021